

Martini Seco

Martini seco

Copyright © 1984, by Fernando Sabino
Rua Canning, 22, ap. 703 – Ipanema – 22081-040
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Carmen Lucia Campos
Editora assistente	Malu Rangel
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Márcia Cruz Nóboa Leme Cátia de Almeida

ARTE

Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoreção eletrônica	Studio 3, Eduardo Rodrigues
Capa	Douné Spinola (concepção de Fernando Sabino) A partir de “Mondrian Martini”, de Barnaby Conrad III

O texto “Martini seco” pertence à obra *A faca de dois gumes*, trilogia de novelas de Fernando Sabino, publicada pela Editora Record.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S121m

Sabino, Fernando, 1923-2004

Martini seco / Fernando Sabino. - 16.ed. - São Paulo :
Ática, 2008.

83p. : - (Fernando Sabino)

Inclui apêndices e bibliografia

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-10712-4

1. História de amor. 2. Relações homem-mulher -
Literatura infantojuvenil. 3. Conflito conjugal - Literatura
infantojuvenil. I. Título.

06-0630.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 10712-4 (aluno)

CAE: 216497

CL: 735798

2019

16ª edição

11ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 1995

Av. das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Martini Seco

Fernando
Sabino



editora ática

APRESENTAÇÃO

Por volta de onze, doze anos, eu já gostava muito de ler. Não havia televisão naquele tempo... Lia principalmente livros de aventuras, o que me despertava a vontade de escrever histórias semelhantes. Quando contava a um amigo alguma que havia lido, costumava inventar muito por minha conta.

Na mesma época, estimulado pela minha querida irmã Berenice, escrevia umas crônicas sobre rádio, tão importante na época quanto a televisão hoje em dia. A revista semanal *Carioca* mantinha um concurso permanente, “O que pensam os radiouvintes”. Premiava os vencedores com 25 mil-réis. Mandei uma

crônica e fui premiado. Então disparei a mandar duas, três por semana — fatalmente, pela quantidade, quase sempre acertava uma, às vezes até duas. O diretor da sucursal da revista em Belo Horizonte acabou se tornando meu amigo e chegava até a me pagar adiantado.

Na literatura, propriamente, me iniciei por meio do escritor Guilhermino César, que resolveu me tomar como discípulo: lia meus contos, selecionava, estimulava algumas tendências, corrigia outras, me aconselhava: “Se você quer escrever contos, tem que ler os de autores fundamentais”. E me emprestava livros de Flaubert, Merimée, Maupassant. Eram em francês, que eu mal conseguia entender com o meu francezinho de ginásio — mas serviram para me alertar: se aquilo é que era boa literatura, então a minha não prestava para nada.

Eu era amigo do Hélio Pellegrino desde o jardim de infância, aos seis anos de idade. Fomos colegas no grupo escolar e no ginásio. Aos dezessete anos nos encontrávamos na casa de João Etienne Filho, escritor um pouco mais velho, jornalista, poeta, professor. Ele possuía uma grande biblioteca e nos emprestava cinco livros por semana, com a obrigação de devolver para pegar outros cinco. Foi em casa do Etienne que me aproximei do Otto Lara Resende e do Paulo Mendes Campos, formando com eles e com

o Hélio uma turma de quatro amigos inseparáveis para o resto da vida. A literatura era a nossa paixão.

Enviei o meu primeiro livro de contos ao Mário de Andrade e ele me mandou uma carta. Pode-se imaginar minha emoção ao recebê-la. Antes de mais nada ele me aconselhava a reduzir o nome: em vez de Fernando Tavares Sabino, como eu assinava, Fernando Tavares ou Fernando Sabino. E dizia que se eu já houvesse passado dos 35 anos seria “apenas mais um”; mas de 25 a 35, era um caso interessante. Ao saber, em resposta, que eu havia escrito o livro dos quatorze aos dezessete anos, iniciou comigo uma intensa correspondência, que durou até sua morte. (As suas cartas constam do livro *Cartas a um jovem escritor*, que fiz publicar pela editora Record.)

Quando me perguntam o que pretendo ao escrever, confesso não saber ao certo. Escrevo sobre aquilo que não sei, na esperança de vir a saber. O escritor de ficção, mesmo inconscientemente, está sempre escrevendo. É como no sonho. Não se programa um sonho. Tudo o que nasce da imaginação é novidade para o ficcionista. Diante do papel em branco ele se sente um estreante. É uma aventura, como se fosse escrever pela primeira vez, um mergulho no desconhecido.

A partir daí, a maior exigência é a adequação da palavra ao que ela deve exprimir: a propriedade

vocabular. No momento em que se está escrevendo, podem ocorrer várias maneiras de se exprimir, mas só uma é perfeita. É preciso descascar o texto como quem descasca uma fruta, ir buscar a semente. Escrever é principalmente cortar. Ao conceber o romance *O encontro marcado*, por exemplo, escrevi 1.300 páginas, das quais só 330 foram aproveitadas.

A ideia de escrever *Martini seco* nasceu de um fato acontecido na realidade. Sucedeu com um conhecido meu, delegado de polícia, que recebeu as acusações mútuas da esposa e do marido, constantes da história: ela o acusava de pretender matá-la, como matou a outra, alegando ter sido suicídio; ele a acusava de ameaçar suicidar-se e pôr a culpa nele, como se a tivesse assassinado. Tanto bastou para que a imaginação do escritor recriasse o resto.

Quando o delegado me contou a história, ela me intrigou bastante, e continua intrigando até hoje: onde está a verdade? Só Deus sabe — o leitor que a descubra, se quiser.

Só lhe peço, por favor, que não me conte.

Fernando Sabino

*Aquilo que não sabes
é tudo que sabes.*

T. S. Eliot

Na noite de 17 de novembro de 1962, ocorreu numa delegacia de polícia do Rio de Janeiro uma tragédia em misteriosas circunstâncias, jamais esclarecidas. O que se segue é uma reconstituição, o tanto quanto possível fiel, dos fatos que conduziram a esse terrível desfecho.

Como poderá ter sobrevivido um testemunho do que se passou, é novo mistério que ficará para sempre insolúvel.

Tudo começou cinco anos antes, precisamente na mesma data, ou seja, no dia 17 de novembro de 1957.

PRIMEIRO

1

Um homem e uma mulher entraram no bar, sentaram-se e pediram martini seco. Enquanto o garçom os servia, ela foi ao telefone, ele foi ao toailete. Quando regressaram, ao tomar a bebida, a mulher caiu fulminada.

Aproveitando a confusão que se seguiu, o homem desapareceu. A princípio, a polícia supôs que se tratasse de suicídio. Na bebida ingerida havia uma dose mortal de estriçnina. Apuraram a identidade

da mulher, localizaram e prenderam seu amante. Era ele.

O homem se defendeu como pôde:

— Foi suicídio — repetia, desesperado.

— Então por que você fugiu?

— Nessas horas a gente não pensa em nada, perde a cabeça.

— Você se aproveitou da ausência dela para pôr o veneno.

— Ela é que se aproveitou da minha ausência para se matar.

— Por que ela havia de se matar?

— Vivia dizendo que acabava fazendo uma loucura e que a culpa seria minha. Fez de propósito, para me culpar.

— Você quer dizer que alguém é capaz de morrer de propósito só para pôr a culpa noutro?

— De que não é capaz uma mulher?

— Isso não prova nada: a culpa foi sua mesmo. Ele acabou confessando.

No julgamento, porém, surpreendeu a todos, novamente alegando inocência, a confissão havia sido extorquida sob tortura. Foi absolvido por falta de provas. E ninguém mais teve notícias dele.